

# ENSINANDO A HISTÓRIA DA CHINA: COMO FAZER?

DOI: 10.5935/2177-6644.20170020

TEACHING HISTORY OF CHINA:  
HOW TO MAKE?

ENSEÑANDO LA HISTORIA DE  
CHINA: ¿COMO HACER?

André Bueno \*

**Resumo:** Neste breve ensaio, buscaremos discutir algumas possibilidades sobre o Ensino de História da China no Brasil. Tema praticamente desconhecido no âmbito universitário, a história da civilização chinesa foi deixada de fora dos currículos acadêmicos; todavia, a expansão da China no mundo atual força uma inevitável revisão desses parâmetros. Em nosso texto, buscaremos apresentar alguns expedientes metodológicos para realizar esse trabalho, voltado principalmente para o Ensino Básico - linha de frente no desafio do ensino brasileiro.

**Palavras-chave:** China. Ensino de História. Sinologia.

**Abstract:** In this brief essay, we will try to discuss some possibilities about Teaching Chinese History in Brazil. Subject virtually unknown in the university, the history of Chinese civilization has been left out of academic curricula; however, China's expansion into the world today forces an inevitable revision of these parameters. In our text, we will try to present some methodological expedients to carry out this work, focused mainly on Basic Education - the front line in the challenge of Brazilian education.

**Keywords:** China. Teaching History. Sinology.

**Resumen:** En este breve ensayo, buscaremos discutir algunas posibilidades sobre la Enseñanza de Historia China en Brasil. Tema prácticamente desconocido en el ámbito universitario, la historia de la civilización china fue dejada fuera de los currículos académicos; sin embargo, la expansión de China en el mundo actual fuerza una inevitable revisión de esos parámetros. En nuestro texto, buscaremos presentar algunos expedientes metodológicos para realizar ese trabajo, orientado principalmente a la Enseñanza Básica - línea de frente en el desafío de la enseñanza brasileña.

**Palabras clave:** China. Enseñanza de Historia. Sinología.

---

\* Professor adjunto de História Oriental na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho. E-mail: [orientalismo@gmail.com](mailto:orientalismo@gmail.com)

## Introdução

Pode-se dizer que hoje, os cursos de História enfrentam um novo desafio: como ensinar a História Asiática? Essa não é uma tarefa simples, e envolve uma análise mais cuidadosa, tanto no campo do Ensino de História como também, da Teoria da História e da História Oriental [essa cadeira problemática, cujo perfil está para ser redefinido no âmbito universitário].

Existem várias questões pertinentes ao problema do Ensino das Histórias Asiáticas – termo mais apropriado, tendo em vista o grande número de civilizações diferentes – mas nos deteremos aqui no caso específico da China, com o qual possuo um pouco mais de intimidade, e que pode ser tomada como exemplo das dificuldades a serem discutidas. Do mesmo modo, embora minha discussão parta do ambiente acadêmico, eu me centrarei na discussão do Ensino de História na Escola, que julgo ser crucial para uma mudança de mentalidade em relação à compreensão das civilizações asiáticas.

A necessidade de ensinar um pouco mais sobre História da China vem se tornando uma questão premente, pelo amplo impacto econômico e político que essa civilização apresenta no mundo atual. O século 21 observa a retomada gradual da China no seu espaço de grande potência mundial, do qual ela desfrutou com segurança até os princípios do século 19. Em um movimento muito rápido, os chineses começaram a se fazer presentes em várias partes do planeta, inclusive nas cidades brasileiras. É praticamente impossível, atualmente, encontrar algum brasileiro que não possua consigo algum produto chinês; e estamos levando em conta, somente, os efeitos do capitalismo moderno, tendo em vista que nosso papel, arroz, pólvora, entre tantas outras coisas, também vieram da China.

Todavia, nossa academia foi pega de surpresa. O Brasil nunca desenvolveu uma escola de Sinologia, tendo sempre que depender de produções ocasionais, esparsas e importadas. Nosso país conheceu pouquíssimos especialistas em China, cujos esforços titânicos e solitários nunca foram devidamente apreciados. Os cursos de História, nesse sentido, apresentam uma situação vexatória: dispostos a formar especialistas em Ciências Humanas, seus currículos deixam de fora dois terços do restante do planeta – incluso aí a China, simplesmente a civilização mais extensa e duradoura na existência do planeta.

Mesmo a disciplina de História Oriental – ocasionalmente presente em algumas universidades – tem debatido, com grandes dificuldades, Egito e Mesopotâmia. Raramente Israel, Índia ou China surgem em seus programas.

Poderíamos pensar que o Ensino de História da China poderia ser feito, tão somente, pelos nossos métodos usuais. Escolheríamos uma teoria que mais nos conviesse, determinaríamos os objetos a serem trabalhados, e - pronto! – conseguiríamos assim ensinar alguma coisa sobre os chineses. Mas nesse ponto, nosso desconhecimento novamente revela a imensa dificuldade que essa postura nos impõe.

Os chineses constituem uma das mais ancestrais civilizações da Terra, em contínuo desenvolvimento desde os seus períodos pré-históricos. Essa trajetória histórica é coberta pela tradição historiográfica mais antiga do mundo, cujos redatores estão trabalhando continuamente desde o século -12<sup>1</sup> [e essa estimativa serve apenas para dar uma margem de segurança, podendo ser mais antiga]. Os historiadores chineses compartilhavam de uma escrita e de uma linguagem que até hoje é praticada por essa civilização. Apesar das transformações inevitáveis com o tempo, a China conhece uma unidade civilizacional praticamente sem paralelos.

Assim, nos deparamos com o primeiro dos problemas fundamentais de falar sobre a China: como conhecer sua história? A Historiografia chinesa tem seus próprios conceitos, seus materiais – numa quantidade imensa – sua própria cronologia, seu próprio modo de entender o tempo, os ciclos históricos, a cronologia... Como saber essa História, e como resumi-la para o leitor brasileiro?

Esse desafio tem sido enfrentado há mais tempo pelos sinólogos. Não se trata apenas de quantificar o que se pode conhecer da China, mas também, de como compreender essa história. Nossos instrumentos teóricos e metodológicos não se adequam nem se encaixam na história chinesa. Buscamos explicações para conceitos que os chineses ignoraram, e ignoramos conceitos e ideias que eles criaram. Queremos incluir a história chinesa em nossa cronologia, sem tomarmos consciência de que nossas estruturas e tempos civilizacionais nada têm a ver com o tempo chinês. Um exemplo clássico dessa situação é quando queremos saber o que estava acontecendo na China durante a “Idade Média”: descobriremos que ela era um vasto império, intelectualmente refinado e tecnologicamente avançado, num modelo bastante diverso daquele que a

---

<sup>1</sup> O uso do sinal ‘-’ é uma convenção sinológica que equivale aos períodos representados por ‘a.C.’; quando se utiliza o sinal ‘+’, ou não se utiliza qualquer sinal antes da numeração, significam ‘d.C.’ essa convenção é adotada por alguns autores em respeito as culturas asiáticas, e achei interessante apresentá-lo nesse texto.

Europa conhecia. No entanto, o que podemos chamar de relações de ‘Feudalidade’ havia acontecido na China, de certo modo: mas no século -12 ao século -3, ou seja, muito antes do Ocidente, criando um típico anacronismo conceitual [Granet, 1981].

Obviamente, tais colocações nos levam a ponderar o quanto precisamos trabalhar para desenvolver uma cadeira sinológica no ambiente educacional brasileiro, principalmente nos cursos de História – cujo costumeiro discurso de abertura intelectual está longe de ser real ou prático.

A necessidade, no entanto, existe, e não apenas na academia de História; milhares de estudantes estão saindo do ensino médio e indo para as Universidades com suas formações históricas incompletas, defasadas, levando seu desconhecimento consigo para todos os ambientes sociais e educacionais. Nesse sentido, qualquer trabalho que leve em conta uma verdadeira proposta de integração cultural e respeito mútuo, deve tomar consciência da importância do Ensino de História Asiática.

### **Questões metodológicas**

Assim, se pretendemos discutir as possibilidades de ensinar História da China nas escolas, estamos assumindo que esse planejamento será feito a partir de algumas fontes e meios disponíveis, ainda que a civilização chinesa não seja extensamente abordada nos cursos universitários. Há uma literatura sinológica disponível em língua portuguesa que permite o planejamento de conteúdos históricos no ensino fundamental e médio. Embora ela não seja extensa, existem materiais diversos - alguns, inclusive, com preocupações didáticas.

O levantamento feito por Czepula [2017] nos mostra que a presença de materiais relativos à história chinesa nos livros didáticos brasileiros ainda é escassa, embora essa situação já seja muito melhor do que há dez anos, quando simplesmente esse conteúdo não existia. Fochesatto [2017] igualmente discute a presença tímida dos temas de história asiática nessa literatura, e o distanciamento que atinge a presença desses temas em sala de aula.

É provável que todos os problemas antes citados estejam presentes na elaboração desses materiais: problemas conceituais, questões cronológicas, a dificuldade em lidar com o modelo histórico chinês, entre outras. Os livros didáticos, porém, tem sido mais rápidos e flexíveis em adaptar seus conteúdos do que a estrutura universitária. Seja por

necessidade de mercado, seja pela conscientização dos problemas educacionais – pois esses profissionais estão na linha de frente dos desafios do Ensino de História – o materiais escolares tem sido mais rápidos em responder a demanda por conhecimentos sobre China do que os profissionais universitários.

Podemos argumentar que essa disponibilidade existe em função do perfil dos materiais didáticos, cujos conteúdos são diluídos e facilitados para ensejar a relação de aprendizagem e construção de conhecimento. Qualquer crítica nesse sentido, porém, também deve ser cuidadosa: afinal, são esses especialistas que estão enfrentando as dificuldades de adaptar as questões históricas chinesas [e, asiáticas] ao Ensino de História no Brasil. Posto de outra maneira: eles estão fazendo o que já devia estar ocorrendo na academia. Assim, é de se esperar que, se um dia tivermos sinólogos nas universidades, será graças aos bons profissionais que aceitaram esse complicado desafio epistemológico.

E o que podemos oferecer nesse sentido? A seguir, gostaria de propor algumas possibilidades para essa questão, debatendo seus pontos fortes, viabilidades e fraquezas. De fato, algumas dessas observações provêm das experiências didáticas que pude acompanhar, ao trabalhar com o Ensino de História Chinesa. Tendo em vista o multifacetado quadro das experiências de aprendizagem histórica, essas propostas podem ser ajustadas em maior ou menor grau no ambiente educacional. Devemos ter em vista qual delas é mais viável dentro de certo ambiente; do mesmo modo, buscarei apontar fontes mais acessíveis, de modo a viabilizar a consecução de cada uma das propostas.

### **História Episódica**

Dos meios para inserção de conteúdos sobre história chinesa no cotidiano escolar e/ou materiais didáticos, esse tem sido o método mais utilizado, por sua praticidade. Após a consulta de alguns manuais gerais sobre a China, opta-se por uma abordagem na qual episódios ou passagens da história chinesa são inseridas nos livros e materiais, não interferindo numa sucessão cronológica pré-estabelecida. Em geral, o quadro temporal e histórico é definido a partir da perspectiva eurocentrada [História Antiga, Medieval, Moderna, etc], e a presença chinesa é introduzida de maneira ‘complementar’ a uma linha de raciocínio e continuidade ‘Ocidentalista’ [ou seja, de uma predominância do Ocidente na História Mundial].

A história episódica costuma apresentar a China em momentos esparsos, portanto: oportunamente na História Antiga, junto com Egito, Mesopotâmia e Israel. Depois, ela ressurgiu na História Moderna no século 16, como agente passivo da história [fornecedora de mercadorias]; e novamente desaparece até o século 19, quando ocorrem as Guerras do Ópio. Ocasionalmente discute-se a revolução chinesa no século 20, ou sua retomada econômica.

Esse tipo de apresentação é, qualitativamente, problemática. Ela cria a ideia de uma civilização culturalmente imóvel – que desde a antiguidade até o século 19 seria a mesma. Ela não propõe explicar as mudanças internas chinesas, ou movimentos de escala global, como a rota da seda, surgida no século 1, que uniam o império romano ao império chinês por sólidas rotas comerciais. Ou ainda: as indicações históricas de que dispomos apontam que, até o século 18, a Europa comprava produtos e tecnologias da China, o que revela que essa civilização era o centro industrial e tecnológico do mundo. A preponderância eurocêntrica é recente na história mundial, e mesmo assim, já está em curso de mudança no século 21.

A história episódica é melhor que nada, em termos práticos; mas, se ela servir a manutenção de uma visão exclusivista e hierarquizada de história, então, ela presta um desserviço. É possível, porém, uma apresentação episódica que seja válida?

Dada as dificuldades de trabalhar com os conteúdos sobre China, talvez a apresentação episódica seja a primeira [em alguns casos, infelizmente, a única] oportunidade de abordar a civilização chinesa. Uma apresentação consciente pode, porém, modificar o aspecto desses episódios. Se em cada um desses episódios forem valoradas as conquistas chinesas, ou enfatizado o seu papel cultural, político e econômico no contexto de época, esses episódios podem ser ‘resignificados’ no sentido de criarem uma outra imagem da China. Não se trata de criar uma valorização artificial sobre a civilização chinesa, mas apenas, tentar entendê-la numa escala mais ampla de conquistas e realizações históricas.

Nesse sentido, leituras como de Ferguson [2012] pode nos dar uma boa ideia dos recortes temporais a serem trabalhados. Manuais como o de Gernet [1969], Morton [1986] e Roberts [2012] se apresentam como boas fontes de informação para essas construções. Os dois primeiros, embora antigos, ainda possuem dados básicos válidos.

## História Cronológica

Muito parecida com a história episódica, a histórica cronológica redimensiona a apresentação dos temas em função da importância das civilizações no espaço e no tempo. A partir da definição de uma linha cronológica, estabelecem-se os paralelos culturais e geopolíticos que estruturam a organização dos temas e das sociedades.

A sutil – mas crucial – diferença está no arranjo e na ênfase dos conteúdos. Felipe Armesto deu um ótimo exemplo disso em seu livro *Milênio* [1999], ao iniciar o livro falando sobre as sociedades ‘orientais’, cuja importância geopolítica mundial era muito maior do que a da Europa nessa mesma época. Do ponto de vista episódico, a história sempre parte do Ocidente para analisar os outros de forma secundária; na concepção cronológica, é possível redimensioná-la de acordo com uma ordem de importância global. Pode-se apresentar as diversas sociedades de acordo com sua presença e alcance numa escala temporal; e, ainda que o sistema de contagem adotado seja o padrão Ocidental, isso não impede de construir uma boa visualização dos quadros comparativos. Nesse sentido, a apresentação da História Chinesa acompanha sua variabilidade, seus períodos de ascensão e crise, e manifesta um pouco mais de sua própria dinâmica. Para esse método, os manuais e textos antes citados também podem ser utilizados.

## História Modelar

A história modelar diz respeito a possibilidade de apresentarmos uma civilização a partir de suas estruturas culturais. Isso implicaria, portanto, em abrir um espaço específico para o estudo da civilização chinesa, no que seria uma tentativa de definir seus caracteres gerais. Nessa proposta, um espaço é criado para apresentar e discutir a China em seus variados aspectos: Cronologia histórica, religiosidades, filosofias, costumes, invenções e, quando a dinâmica permite, até mesmo culinária, folclore, ou peculiaridades culturais.

Há um grande risco, nessa abordagem, de cairmos nas concepções de imobilismo histórico, tal como a que Braudel [1989] associou aos chineses. Tentar definir uma civilização pelos seus aspectos essencialistas é bastante problemático, embora o caso chinês permite, de fato, uma série de associações entre sua antiguidade e sua continuidade, num modelo histórico bastante singular. Por outro lado, deve-se tomar cuidado com a forte tentação de não cairmos na superficialidade. A apresentação

modelar pode ser facilmente transformada numa exibição de exotismos e diferenças, que não contribuem para uma compreensão mais exata da cultura chinesa. É comum que se enfatize as singularidades, o que muitas vezes reforça preconceitos.

Existem excelentes trabalhos de introdução à cultura chinesa, que podem ajudar nessa proposta, dos quais se destaca o livro *Sabedorias Chinesas*, de Miribel e Vandermeersch [2010]. Os autores, sinólogos, conseguem construir um quadro agradável e acessível da civilização chinesa. O livro *China - Gigante Milenário*, de Blundel e Elvin [1997] também é um excelente material para apresentação da civilização chinesa. Outra leitura possível nesse mesmo viés é a de Bueno [2008]. Por fim, o livro *Descobrimos a China*, de Wang Tao [1996] foi escrito especificamente nessa perspectiva, constituindo um ótimo instrumento didático.

Talvez a maior dificuldade nessa linha seja abrir o espaço necessário a discussão da China, como um caso específico. Apesar de produtiva, ela pode demandar um espaço maior nos materiais didáticos e no espaço-tempo de trabalho.

### **História temática**

Uma alternativa ao ensino modelar é o ensino temático, que parte da escolha de temas culturais chineses para apresentar essa civilização. Ela é diferente da história episódica por ter, como ponto de partida, a exposição de materiais relativos a cultura chinesa, buscando estruturar uma imagem mais nítida da mesma, bem como de suas contribuições a história mundial. Um trabalho temático bastante acessível é o de apresentar, por exemplo, as contribuições científicas chinesas [papel, pólvora, bússola, imprensa, leme de popa, etc.] dentro de um estudo sobre 'Ciências no período X'. O livro de Colin Ronan [1987, vol. 2] é uma excelente fonte para construir esse tipo de trabalho. Uma aula temática sobre pensamento chinês pode ser construída a partir do já citado livro de Miribel e Vandermeersch [idem, 2010]. Felipe Armesto possui outro trabalho, intitulado *Ideias que mudaram o mundo* [2004], que analisa o surgimento de ideias fundamentais para a humanidade, partido de uma perspectiva comparatista. Em textos curtos e fáceis, Armesto traça a história desses conceitos, englobando ocidentais, chineses e demais asiáticos. Com propósitos didáticos, esse é um trabalho de referência, bastante prático para aplicação em sala de aula.

Livros como o de Lai Po Kan [1991] apresentam uma China ilustrada em desenhos, cujos diversos assuntos podem ser distribuídos em apresentações temáticas; Joe Fullman [2013] traz ainda um aprazível manual de história chinesa com diversas brincadeiras e jogos didáticos a serem realizados pelos alunos, que podem estimular o interesse pela mesma, principalmente no ensino fundamental.

A dificuldade em trabalhar com o método temático é criar uma contextualização espaço-temporal. Sabemos das dificuldades de lidar com o distanciamento temporal, principalmente no caso das civilizações antigas. Pode ser difícil estabelecer os marcos cronológicos no caso das experiências temáticas, tendo em vista o amplo conjunto de experiências que podem ser ofertadas. Nesse caso, cabe ao docente verificar o espaço disponível, ou quais objetivos se pretende alcançar.

### **Cuidados no Planejamento**

Vimos que o ensino da história chinesa pode ser feitos por vários métodos acessíveis, que dependem apenas de um pouco de estudo por parte dos docentes e dos planejadores dos materiais didáticos. Contudo, alguns cuidados finais devem ser colocados nessa pauta de discussão.

Koselleck [2006] e Hartog [2017] têm nos alertado sobre a dificuldade de construirmos uma memória histórica, em função da tendência atual de privilegiar um ‘presentismo’ nos estudos históricos. Há um forte movimento voltado para a escrita de um ‘Tempo Presente’ que se confunde facilmente com o acompanhamento da contemporaneidade sem a mediação do tempo e da herança cultural e histórica. Não se trata, obviamente, de ignorar os movimentos da história contemporânea – a própria necessidade de estudar a China é um exemplo disso. No entanto, tem se observado uma intensa produção de trabalhos históricos que ignoram uma relação mais profunda com o passado, recaindo numa contínua reinvenção do mesmo passado pelo presente.

Consideramos essa colocação importante para nosso ensaio. Mesmo que esses autores não tenham comentando sobre a questão da China, é o nosso olhar histórico que se volta para ela. O estudo da civilização chinesa não é uma moda, um problema de duração determinada por movimentos midiáticos. É possível encontrar estudos hoje que consideram que o poder chinês surgiu somente no final do século 20, ignorando completamente a herança histórica dessa civilização. Assumir que determinados eventos

históricos são próprios da atualidade, desconhecendo seus antecedentes históricos, é cair na perigosa armadilha de uma construção falaciosa da história.

Essa desconexão com o passado é diretamente responsável pelo o desvanecimento de uma memória histórica mais consistente, permitindo o ressurgimento de movimentos de ideias e ideologias que pareciam já superados historicamente. O mesmo pode ser aplicado diretamente ao caso chinês. É necessário um cuidado especial com a civilização chinesa, já que ela apresenta os mais diversos pontos de atrito. O ensino da China pode ser utilizado tanto para a disseminação de preconceitos, através de uma visão depreciativa ou inferiorizada sobre sua história, quanto pode ser empregada como um modelo idealizado de economia e política – e ambas as visões guardam problemas sérios.

A compreensão da China exige um olhar atento sobre seu passado, condição indispensável para entender seu processo de evolução histórica. Sem isso, corremos o risco de analisar a China de um ponto de vista imediatista [ou, ‘presentista’], sem acessar as causas reais de seu desenvolvimento. A mentalidade chinesa, assentada em camadas históricas milenares, não rompeu de forma alguma com seu passado – de fato, a sociedade chinesa tem, para si, que ela só pôde continuar a se definir como ‘chinesa’ justamente pela continuidade de seu legado histórico e cultural. Além disso, é preciso re-escalonar o papel da China – assim como de outras civilizações asiáticas – na história do mundo, de modo a termos uma compreensão mais ampla dos fenômenos da expansão humana.

### **Conclusões possíveis**

Como vimos, existem métodos e materiais que podemos utilizar para construir um ensino acessível de história da China nos níveis escolares do fundamental e médio. Não são necessárias soluções mirabolantes, e, respeitadas as noções fundamentais que precisamos adquirir sobre a cultura e a história chinesa, podemos planejar, com as devidas adaptações, os expedientes necessários para isso.

Cabe aos docentes uma quota de estudo sobre sinologia que não é de modo algum exaustiva, e que se transforma numa aquisição enriquecedora no seu cabedal formativo. O argumento da ausência de especialistas acadêmicos se torna relativamente válido, na medida em que observamos que a prática do ensino tem, na verdade, revelado as ausências e falhas das teorias didáticas vigentes, bem como seus possíveis acertos. É

nesse sentido que o cotidiano tem demonstrado para a academia o seu afastamento do processo educativo, clamando por um envolvimento mais urgente e intenso. O desenvolvimento do campo do Ensino de História tem se destacado nesse mister, promovendo uma aproximação necessária dos especialistas, e uma discussão consciente sobre os métodos, as ferramentas e materiais empregados na aprendizagem histórica.

O caso do Ensino de História da China se insere, exatamente, nesse ponto de virada das relações entre a produção de saber acadêmico e sua aplicação no cotidiano escolar. Derivada de uma necessidade quase imediata, surgida em meio à rápida escala de globalização e informatização das duas últimas décadas, a presença chinesa no mundo manifestou-se como uma enorme brecha em nossos conhecimentos históricos, que cabe suprir o quanto antes. Nessa longa caminhada, o desafio da formação básica já se faz presente; e se dispomos de recursos – mesmo que limitados – para tal, é urgente colocá-los na pauta de nossas demandas educacionais. É possível fazer uma história da China no Brasil; e para ensinar sobre essa importante civilização, basta a força de vontade expressa pelo velho provérbio chinês:

“Para começar uma caminhada de um milhão de passos,  
é necessário dar o primeiro passo”

[Laozi, *Daodejing*, 64].

## Referências

- AMRESTO, Felipe. **Ideias que mudaram o mundo**. São Paulo: Arx, 2004.
- ARMESTO, Felipe. **Milênio** - uma história de nossos últimos mil anos. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BLUNDEN, C. & ELVIN, M. China. In: **Grandes Impérios e Civilizações**. Lisboa: Edições Del Prado, 1997.
- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BUENO, André. **Mirações do Celeste**. União da Vitória: Projeto Orientalismo, 2008.
- CZEPULA, Kamila. A China nos livros didáticos: o estado de uma questão. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria [org.] **Um Pé de História**: estudos sobre aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017. P.193-196.
- FERGUSON, Niall. **Civilização**: Oriente x Ocidente. São Paulo: Planeta, 2012.

FOCHESATTO, Cyanna. História da Ásia e interdisciplinaridade na educação básica: um duplo desafio. In BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria [orgs.] **Vários Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017. 71-76.

FULLMAN, Joe. **Chineses Antigos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013.

GERNET, J. **O mundo Chinês**. Lisboa: Cosmos, 1979.

GRANET, Marcel. **La Féodalité Chinoise**. Paris: Imago, 1981.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAI, Po Kan. **Os Chineses**. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

LAOZI. Daodejing. Trad. Mário Bruno Sproviero. São Paulo: Hedra, 2002.

MIRIBEL, Jean. & VANDERMEERSCH, Leon. **Sabedorias chinesas**. Lisboa: Piaget, 2010

MORTON, W. **China** - História e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ROBERTS, J. **História da China**. São Paulo: Grafia, 2012.

RONAN, Colin. **História Ilustrada da Ciência de Cambridge**. RJ: Zahar, 1987 volumes 1-4.

WANG, Tao. **Explorando a China**. São Paulo: Ática, 1996.

Recebido em: 05 de setembro de 2017.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2017.